

Universidade Estadual de Campinas
Faculdade de Educação
Coordenação de Pedagogia



1290001929



FE

TCC/UNICAMP G586t

200506201

**A TV na escola: mais que um insumo, uma
condição para a cidadania**

MÁRCIA REGINA GONÇALVES

Campinas – SP
2004

Bibuid 344838

UNIDADE.....	FE
Nº CHAMADA:	
TCC	Indicam?
G586t	
V:.....	
TOMBO: 1939	
PROC: 86/2005	
C:.....	
FREQ: 20/11/05	
DATA: 28/03/05	
Nº CPD:.....	

**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Gonçalves, Márcia Regina.
G586t A TV na escola : mais que um insumo, uma condição para a cidadania /
Márcia Regina Gonçalves. -- Campinas, SP: [s.n.], 2004.

Orientador : Sérgio Ferreira do Amaral.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de
Campinas, Faculdade de Educação.

1. Televisão. 2. Escolas. 3. Professores. 4. Crianças. 5. Cidadania. I.
Amaral, Sérgio Ferreira do. II. Universidade Estadual de Campinas.
Faculdade de Educação. III. Título.

04-243

Universidade Estadual de Campinas
Faculdade de Educação
Coordenação de Pedagogia

**A TV na escola: mais que um insumo, uma
condição para a cidadania**

por

MÁRCIA REGINA GONÇALVES

Texto correspondente a versão final do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial para obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia, sob orientação do Prof. Dr. Sérgio Ferreira do Amaral.

Campinas – SP
2004

*À minha família e amigos, que me acompanharam e apoiaram
não apenas durante a elaboração deste trabalho,
mas em todo o percurso de minha graduação.*

*“Transformar a escola
vai além da incorporação
das novas tecnologias,
exige a desnaturalização
da lógica do mercado
que orienta seu uso
e desenvolvimento.”
(GÓMEZ, 2002, p. 57)*

ÍNDICE

RESUMO.....	6
INTRODUÇÃO	7
INFÂNCIAS DISTINTAS EM CONTEXTOS DIFERENTES.....	14
A ESCOLA E A TELEVISÃO.....	19
A FUNÇÃO DA ESCOLA NA FORMAÇÃO DE TELESPECTADORES CRÍTICOS	25
O PAPEL DO PROFESSOR PERANTE A UTILIZAÇÃO CRÍTICA DA TELEVISÃO ..	29
CONHECENDO UM POUCO DA REALIDADE: UMA PESQUISA SOBRE A UTILIZAÇÃO DA TV PELA ESCOLA.....	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
BIBLIOGRAFIA.....	50
ANEXOS	53

Resumo

Este trabalho aborda a necessidade de se refletir sobre a utilização da TV na escola não somente como apoio didático, mas como objeto de estudo, promovendo o planejamento de estratégias de educação dos usuários que tenham como objetivo formar interlocutores capacitados não somente para uma recepção, mas também para a produção comunicativa ao mesmo tempo múltipla, inteligente, ativa, seletiva e crítica dos materiais televisivos, exercendo sobre eles seu poder de análise.

Neste contexto, uma educação voltada para a cidadania pressupõe, resgatar os ideais de democratização do conhecimento e da informação como instrumentos de emancipação.

Visando conhecer uma parcela da realidade sobre a utilização da TV pelos profissionais da Educação em diferentes contextos, o presente trabalho analisou os dados obtidos através de vinte questionários direcionados aos professores que atuam na Educação Infantil e Ensino Fundamental em redes de ensino e municípios diversos, assim como as respostas sobre questões relativas ao uso da TV direcionadas a um grupo também de vinte crianças pertencentes às classes de 3ª e 4ª séries do Ensino Fundamental Municipal de uma determinada escola.

Através dos resultados alcançados, foi possível constatar que, apesar da existência de utilizações diferenciadas da televisão pelos profissionais da Educação, a maioria dos professores entrevistados restringe seu uso ao apoio didático, provocando a perda de seu potencial para os fins que se propõem neste trabalho.

Mediante esta observação, percebe-se o desconhecimento/desconsideração por parte dos educadores sobre a importância de se tratar a TV de outra forma, não apenas como insumo, mas como objeto de estudo e análise. Tal postura docente indica a presença de estratégias ainda incipientes, caracterizando a necessidade de se oferecer capacitação profissional adequada para o uso deste recurso tecnológico na escola.

Palavras-chave: televisão; escola; professor; criança; cidadania.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo promover reflexões sobre a utilização escolar de um objeto cada vez mais presente na vida contemporânea: a televisão. Não pretende-se esgotar tema de tal amplitude, porém contribuir para uma maior compreensão a respeito do assunto.

Atualmente observa-se a crescente preocupação de educadores e pais, entre outros agentes sociais, com a qualidade do produto televisivo consumido por crianças, adolescentes e jovens. Não é raro encontrar-se discussões acerca da adequação da programação televisiva, seja em relação aos horários de exibição de determinados programas ou ao próprio conteúdo dos mesmos. Embora reconheça a enorme importância destas discussões, este trabalho preocupa-se em observar a relação televisão/criança a partir de outro ângulo: o da recepção do produto televisivo.

Na realidade, a questão da recepção do produto televisivo será tratada aqui, como uma questão referente à leitura: a leitura da mensagem audiovisual, sendo que essa leitura crítica deve ser cada vez mais cultural, inserindo a televisão no ambiente cultural contemporâneo e isto a inclui no contexto escolar das crianças.

A TV, comumente considerada apenas um instrumento para se ver, acaba por minimizar a importância da qualidade e quantidade do que se está falando ou mostrando, colaborando, assim para o surgimento de um novo tipo de ser humano, condicionado à imagem e desvinculado do pensar e de uma visão mais crítica diante do que se está assistindo.

Considerando-se este fato e que a televisão transmite uma mensagem simbólica, conotada, por este motivo passível de variadas possibilidades de leitura, obtém-se um precioso argumento para justificar a idéia de que é possível qualificar a recepção do produto audiovisual, ou seja, apesar de toda a intencionalidade da mensagem audiovisual, que direciona os olhares é possível realizar outras leituras deste produto e, não simplesmente consumi-lo passivamente.

Mas como as crianças e jovens aprenderão a fazer diferentes leituras da mensagem veiculada pela TV? Como se tornarão capazes de compreender o processo de produção, o contexto e as finalidades dos produtos exibidos diariamente na TV?

Para encaminhar respostas a estes questionamentos é preciso, preliminarmente, analisar-se o contexto atual de maneira sucinta, observando como a TV acabou por ocupar um espaço bastante importante dentro do cotidiano das pessoas.

Devido a vários fatores da vida pós-moderna, como o avanço tecnológico e a utilização da força de trabalho feminina, a televisão passou a ser considerada educadora eletrônica das novas gerações. Kincheloe (2001) evidencia que, com frequência, as crianças são obrigadas a viverem por si só devido à uma mudança bastante significativa na estrutura familiar. Considera também a pobreza, além do pouco tempo livre que os pais destinam à seus filhos como justificativas para o surgimento desta nova finalidade que as famílias vêm delegando à televisão.

Segundo este autor (ibid.), vários são os condicionantes sociais que moldam as diferentes estruturações familiares, entre eles: as mães que trabalham fora, a anulação da cidadania democrática, o declínio do espaço público, famílias fisicamente juntas, mas cultural e emocionalmente fragmentadas, o isolamento, gerando desesperança e tédio, assim como a violação da inocência infantil.

Kincheloe (ibid.) destaca ainda que, pelos motivos acima citados, muitas crianças preenchem o tempo que passam sozinhas – mesmo quando estão acompanhadas pelos adultos em casa – assistindo programas de TV, sendo, de alguma forma, influenciadas pelas idéias neles incutidas.

Belloni (2001) complementa esta preocupação constatando que há uma interferência significativa da TV especialmente com relação às diferenças de gêneros, à formação dos papéis sociais femininos e masculinos e à sexualidade. Afirmar que a repetição incessante de estereótipos acaba por transformá-los em modelos de comportamentos padronizados, vislumbrados pelo público em geral (BELLONI, 2001).

A autora afirma ser a televisão uma máquina que, ao ser inventada, exigiu que se inventasse também seu uso – valor – e acabou impondo-se ao homem, “aprisionando-o ao lazer fácil e barato, à representação em lugar da experiência” (ibid. p.58).

Atualmente a televisão é encontrada, na grande maioria dos lares, ocupando um lugar de destaque na sala ou nos quartos, invadindo a intimidade e a privacidade das pessoas; interferindo e provocando modificações no modo de ser e viver dos telespectadores.

A mensagem audiovisual, ao utilizar todo o poder comunicativo derivado da imagem analógica ao real, não descreve a situação (como é o caso da linguagem verbal que, embora admita certo grau de polissemia, é muito mais precisa), mas torna presente e amplifica os efeitos (dramáticos, psicológicos, ideológicos) dessa presença: ela traz para dentro das casas a guerra, a violência das ruas, a intimidade das vedetes, etc. funcionando, desta forma, como uma "lente que amplia uma realidade existente ou preexistente, fazendo com que se tenha uma visão próxima dessa realidade ou que se passe a sonhar com ela" (BELLONI, 1995).

Todo o fascínio que a televisão desperta nas pessoas pode ser comprovado por uma pesquisa que constatou ser este aparelho o maior lazer para mais de 80% da população brasileira. Ler livros, jornais, revistas, atingiu apenas 18% das atividades destinadas ao preenchimento do tempo livre, segundo levantamento da Folha de São Paulo¹.

A falta de dinheiro e a sensação de insegurança são apontados, de acordo com esta pesquisa, como principais motivos para as pessoas ficarem presas em casa, grudadas em algum aparelho que tem tela - TV, computador, videogames, Internet. O segundo motivo citado como justificativa para se permanecer em casa diante da TV é oriundo da dupla ilusão criada pela televisão: a ilusão de que ela reflete o real de modo realista e de que a realidade é terrivelmente assustadora, cheia de violência.

A televisão, ao pretender reproduzir o universo real em sua complexidade, constrói um simulacro do mundo em que o indivíduo acaba se encontrando, assumindo as imagens produzidas como se fossem sua vida real, conseqüentemente estas imagens penetram a realidade, transformando-a, dando-lhe forma, proporcionando a sensação de que o mundo real é o simples prolongamento daquele apresentado pela TV (BELLONI, 2001).

Segundo Bourdieu (1997) os perigos do uso ordinário da TV devem-se ao fato de que a imagem tem a particularidade de poder produzir o que é chamado de "efeito do real", ela pode fazer ver e fazer crer no que se faz ver.

Assim a TV, que se pretende um instrumento de registro da realidade, torna-se um instrumento de criação da realidade (ibid.), transformando-se em um dos veículos mais eficazes na disseminação de novas formas de comportamento. Sua

¹ Fonte: <http://www.espacoacademico.com.br> acesso em 10/05/2004.

programação, permeada pela publicidade, padroniza a informação, banaliza a violência e impõe padrões de consumo aos telespectadores.

Segundo o IBOPE² – Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística³, pessoas entre 4 e 17 anos assistem, em média, 3 horas e meia de TV diariamente. Estas mesmas crianças e adolescentes, em sua maioria, passam de 4 a 5 horas diárias em sala de aula.

A partir da constatação acima, entende-se que a televisão, juntamente com a escola acabam por ocupar praticamente um terço do dia de milhões de crianças e jovens brasileiros, evidenciando a importância de ambas no desenvolvimento das potencialidades humanas, porém é nítido que, em inúmeros casos, a escola e a televisão ainda atuam ignorando-se mutuamente.

Outro fato relevante é que, a escola compete de forma desigual com a TV. Ao passo que, para as crianças, a primeira representa na maioria das vezes, um martírio, a segunda, ao contrário, denota um mundo de prazeres e entretenimento.

A TV apresenta uma infinidade de informações aos seus espectadores, de modo que as aprendizagens verificadas a partir do contato com programas apresentados por ela são capazes de colocar em cheque um modelo de escola - e de transmissão de informações - que obriga uma criança a permanecer sentada durante horas, tornando o aprendizado um suplício desnecessário.

O modelo atual de escola caracteriza-se por uma preocupação exagerada com os conteúdos que, diversas vezes, não têm conexão com a realidade dos alunos. Desta forma, escola é tida pela criança como algo monótono e sem significado expressivo, e é comum que esta opte pela TV para saber mais sobre o mundo.

Neste cenário, os meios de comunicação constituíram uma escola paralela, através da qual as crianças, assim como os adultos, estariam aprendendo conteúdos mais interessantes e atraentes do que os da escola convencional.

Após esta breve exposição, é importante saber o que as pessoas fazem com as informações adquiridas através deste artefato técnico. A noção do impacto causado ganha uma significação nova, funcionando como uma metáfora capaz de ajudar a compreender a realidade complexa vivenciada diariamente, como uma força externa ao sujeito – social ou individual – que o modifica, visto que as mensagens televisivas são produzidas segundo esquemas rigidamente planejados

² Conforme <http://www.midiativa.tv/index.php> acesso em 10/05/2004.

para provocar sentimentos, desejos, inculcar valores, modelando os conteúdos e repetindo ininterruptamente o mesmo discurso fundamental: a ideologia da sociedade de consumo (BELLONI, 2001, p.56-58) sendo que esta sociedade - do mundo capitalista - valoriza, essencialmente, o consumo, as coisas materiais e a aparência em detrimento da essência da pessoa humana, acarretando um total desvirtuamento do significado de ser gente, ser sujeito, ser pessoa.

A quem interessa esse nivelamento de valores/atitudes/comportamentos e por quê? Qual é o papel da educação e da escola neste contexto?

É óbvio que a direção e a intensidade desta modificação no comportamento humano não estão contidas nas virtualidades técnicas da televisão, mas dependem, essencialmente, das opções políticas da sociedade. Apesar disso, afirmar que a TV, enquanto "meio de comunicação de massa", tem o mesmo poder sobre todos os telespectadores é subestimar a capacidade de resistência destes (BOURDIEU, 1997).

Ao entender-se a educação como um processo de construção coletiva, contínua e permanente de formação do indivíduo, que se dá na relação entre os sujeitos, a escola pode ser vista como um local privilegiado para essa formação, porque trabalha com o conhecimento, com valores, atitudes e a constituição de hábitos.

Desta forma, a escola apresenta um conjunto de possibilidades capazes de promover o acesso, a utilização, a análise, a compreensão e a reflexão sobre este meio de comunicação tão difundido e utilizado atualmente. Para Bourdieu, isto é de extrema importância pois, quanto mais se avança na análise de um instrumento, mais se é levado a se isentar os indivíduos de sua responsabilidade e quanto melhor se compreende como ele funciona, mais se compreende também que aqueles que dele participam são tão manipulados quanto manipuladores (BOURDIEU, 1997, p.21).

Assim, para poder analisar, refletir e criticar as produções apresentadas, é preciso alcançar um certo grau de conhecimento sobre a TV e seu contexto, conhecimento este que pode ser atingido através da ação das instituições sociais – culturais e educativas – que, conforme aponta Gómez (2002), não são as únicas instituições, mas por suas características próprias e por seu peso específico na produção de conhecimentos e na educação dos sujeitos sociais, têm uma alta

responsabilidade e, ao mesmo tempo, uma oportunidade para enfrentar este desafio a partir de sua própria especificidade.

O presente trabalho pretende evidenciar a necessidade de se refletir sobre o uso da TV pela escola e como esta última pode, a partir da incorporação da primeira, não somente como apoio didático, mas como objeto de estudo, promover o planejamento de estratégias de educação dos usuários que tenham como objetivo formar interlocutores capacitados não somente para uma recepção, mas também para a produção comunicativa ao mesmo tempo múltipla, seletiva e crítica dos materiais televisivos.

Somente assim, poder-se-á estabelecer uma reflexão crítica e coerente sobre questões intrinsecamente ligadas ao contexto das produções de televisão, questões estas complexas e importantes, como por exemplo: em que medida a presença da mídia televisiva na vida cotidiana produz, reproduz ou dinamiza valores, crenças, sentimentos, preconceitos que circulam na sociedade? De que modo os meios de comunicação têm participado da disseminação de novos modos de ser e estar, modos de agir e de comportar-se? Como esse espaço da cultura tem tratado das lutas sociais, por direitos que atingem grupos étnicos, raciais, geracionais, profissionais, grupos envolvidos com a questão de gênero?

E ainda, promover oportunidades de reflexão para que os educadores em geral, possam pensar e buscar possíveis respostas às seguintes perguntas: como o campo da educação está avançando, no sentido de trazer para dentro dos espaços escolares a discussão dos saberes que circulam nos meios de comunicação? Como a escola poderá contribuir para que todas as crianças se formem utilizadoras criativas e críticas da televisão e não meras consumidoras compulsivas de representações novas de velhos clichês?

O estudo dos meios de comunicação, da linguagem de seus produtos, das imagens, sons e textos que são consumidos diariamente na relação com a mídia, e também a investigação sobre as várias formas pelas quais grupos distintos negociam sentidos com esses meios, fazem-se hoje absolutamente fundamentais no campo da educação, isto porque a força da mídia e de suas imagens se impõe num momento em que a instituição tradicionalmente formadora das novas gerações – a família – parece viver uma de suas mais profundas crises.

Assim, uma resposta é certa: para mais esta função – a de educar para a leitura crítica e reflexiva da TV e demais produtos midiáticos – a escola foi eleita e,

consequentemente, incumbida de desenvolver uma nova forma de competência em seus educandos.

Uma arte ainda desconhecida, de seleção e destruição de informações, uma espécie de "nova sabedoria" e, para tanto, a escola necessita se tornar um lugar privilegiado onde os alunos possam criar, praticar, usar, refletir e discutir sobre as imagens, informações e saberes que as linguagens da tecnologia produzem e veiculam, colaborando para que se tornem capazes de lidar com o excesso de informações a que têm acesso, classificando-as em "úteis e proveitosas" ou "inúteis e perigosas", criando condições para que possam emergir as habilidades para escolher e discriminar, ainda tão pouco observadas nos dias atuais (ECO, apud, FRANCO & SAMPAIO, 1999).

INFÂNCIAS DISTINTAS EM CONTEXTOS DIFERENTES

O contexto da infância atual – seus brinquedos e brincadeiras, o contato com o mundo adulto, informações, etc. – difere-se visivelmente da infância vivida pelos responsáveis pela educação dessas crianças.

Crescentemente observa-se uma tecnificação do universo de socialização da criança. Rapidamente o ambiente natural – povoado de seres vivos – vem sendo substituído pelo ambiente técnico – no qual o homem está cercado de objetos técnicos – gerando novos modos de perceber o mundo – objetivo e subjetivo – e de se expressar, o que significa novos modos de pensar, de compreender, de falar e de agir e, por conseqüência, novas maneiras de aprender.

Segundo Belloni “os efeitos mais profundos dessa transformação do meio ambiente natural em técnico não são facilmente mensuráveis, nem mesmo observáveis – para a maioria das pessoas são processos inconscientes” (BELLONI, 1995, p. 572), visto que as novas técnicas agem por impregnação, infiltrando-se imperceptivelmente na sociedade.

A autora (ibid.) afirma que as crianças socializadas neste universo técnico estariam, por conseqüência, desenvolvendo mais intensamente habilidades cognitivas e perceptivas tais como: espacialidade, simbolismo, sensibilidade musical, criatividade, intuição, etc. Em contraponto, a escola desenvolve e exige das crianças uma percepção analítica e detalhista, o pensamento lógico e matemático, a reflexão consciente (que se opõe à intuição) e o controle racional (que se opõe à afetividade e a intuição). Atenta ainda para o fato de que o desenvolvimento cognitivo e, portanto, o processo de aprendizagem, estão cada vez mais influenciados por componentes do universo de socialização que se localizam fora da escola e sobre os quais ela não exerce nenhum controle.

Nas escolas, professores vêem-se diariamente confrontados com alunos que trazem uma bagagem de informações e habilidades extremamente rica, porém não condizente com as exigências do ensino ministrado e com as regras de disciplina aí reinantes.

A qualidade escassa da TV, repleta de sexo, violência, apelos de consumo e futilidades, só fez crescer a desconfiança por parte da escola. Observa-se, na programação oferecida, que é cada vez mais freqüente, não importa o que tenha ocorrido no mundo, a presença de assuntos esportivos, catástrofes naturais, etc. em

suma, a presença de tudo o que pode suscitar um interesse de simples curiosidade e que não exige nenhuma competência específica prévia por parte dos telespectadores.

A busca de divertimento inclina a desviar a atenção para um espetáculo (ou escândalo) todas as vezes que a vida política faz surgir uma questão importante, mas de aparência tediosa, ou, mais sutilmente, a reduzir o que se chama de "atualidade" uma rapsódia de acontecimentos divertidos, justapostos pelos acasos da coincidência cronológica, separando-os de todos os seus antecedentes ou de seus conseqüentes, gerando uma ausência de interesse pelas mudanças invisíveis, isto é, por todos os processos que permanecem despercebidos e imperceptíveis no instante e apenas revelam plenamente seus efeitos com o tempo, produzindo uma representação instantaneísta e descontínuísta do mundo (BOURDIEU, 1997, p. 140).

Para Bourdieu (ibid.), a maioria das pessoas não está na TV para dizer alguma coisa, segundo ele, as razões são bem outras, sobretudo se elas expõem para serem vistas, tornando a tela da TV uma espécie de espelho de Narciso, um lugar de exibição narcisista.

Tudo isso deve ser levado em conta ao apresentar-se qualquer programa para análise e/ou discussão dentro da escola. Desta forma, o que se observa é uma dificuldade generalizada em colocar o que se passa na TV em discussão na sala de aula, não só pela falta de credibilidade da mídia, mas pelo despreparo do professor para lidar com a questão.

Ao mesmo tempo, a escola não pode ignorar que os alunos são, em sua imensa maioria, também telespectadores, apesar disso, muitas escolas ainda utilizam o aparelho de TV apenas para a reprodução de vídeos didáticos comprados ou locados³, sem reconhecer a influência onipresente da cultura televisiva na sociedade.

A escola e, conseqüentemente, os professores necessitam utilizar e tratar as linguagens que se desenvolvem em seu ambiente, no cotidiano de seus alunos, colocando-as em perspectiva cultural, mas sempre considerando que televisão e escola são instâncias diferentes do cultural na sociedade pois, enquanto a televisão tende a trabalhar mais as emoções e o imediatismo, não se referindo à realidade, mas construindo uma realidade como recorte de linguagem, de maneira fácil e

espetacular, a escola responde por um projeto humanista de construção do homem, tendendo mais para a razão e construindo os mecanismos para o entendimento da realidade circundante. A escola busca o conhecimento para desvendar a realidade, a televisão cada vez mais torna opaca a realidade que tenta transmitir (MELLO, s/d.).

Para se compreender o impacto dessas tecnologias nas sociedades e suas instituições, nos processos e relações sociais, na produção e reprodução da sociedade e de suas estruturas simbólicas é preciso ir além das considerações técnicas, é preciso valorizar o mundo real dos sujeitos, considerá-los como protagonistas de sua história e não como receptores de mensagens e consumidores de produtos culturais. "É preciso retomar a velha fórmula: abandonar o *conceito do que a televisão faz às crianças* e substituí-lo pelo conceito *do que as crianças fazem com a televisão*" (BELLONI, 2001, p. 21).

Belloni afirma que para os jovens "a telinha tem uma legitimidade, como fonte de saber, semelhante à da escola" (BELLONI, 2001, p.31), constituindo um papel importante no processo de socialização das novas gerações. Tal processo se caracteriza como um poderoso fator de reprodução social e um mecanismo eficaz de controle, sendo a televisão um formidável instrumento de ordem simbólica (BOURDIEU, 1997, p.20).

Toda sociedade reproduz sua cultura (normas, valores, regras explícitas ou subjacentes, modos de organização da experiência) no indivíduo, assim pode-se dizer que o homem e sua consciência são produtos da sociedade.

O processo de socialização é o espaço de transmissão social dos sistemas de valores, dos modos de vida, das crenças e das representações, dos papéis sociais e dos modelos de comportamento. Este processo de aprendizagem varia de acordo com o universo de socialização, forçosamente diferente segundo a origem social da criança, definida pela sociedade onde ela vive, pela classe social a que pertence e pelo grupo familiar.

No entanto, estas outras instâncias socializadoras – escola, família, igrejas – também vão sendo penetradas e influenciadas pelas regras de estilo da mídia e perdem ou têm diminuído seu potencial crítico frente a esta lógica implacável de midiaticização.

³ Conforme constatado a partir dos dados obtidos através da pesquisa realizada neste trabalho.

Este fato explicita como os modos pelos quais identidades e subjetividades vêm sendo constituídas no interior das diferentes práticas culturais que dizem respeito, principalmente, à ação da mídia no cotidiano dos indivíduos e dos grupos sociais. Transformações estas, experimentadas na definição de identidades individuais e do sentido do que seja o "social", diante da ação do mercado e seus interesses hegemônicos e igualmente diante da ação dos meios de comunicação.

As novas tecnologias da comunicação e da informação, determinam novas maneiras de ler, de ver e de agir que influenciam diretamente a formação da identidade no mundo atual, assim o lugar privilegiado de constituição de identidades se desloca da família para a mídia.

Desta maneira é imprescindível discutir, no espaço escolar, não só os programas da televisão, a publicidade e a notícia nos seus diversos suportes, mas também o processo percorrido para sua produção e transmissão, além de tudo o mais que permeia o cotidiano e influencia a constituição de identidades.

Torna-se importante lembrar que as mensagens da mídia são radicalmente polissêmicas, permitindo uma infinidade de interpretações diferentes, segundo o universo referencial do espectador. Assim, crianças que, em seus lares, têm outros estímulos e apreensões culturais da realidade e do mundo dificilmente elegerão a televisão como único estímulo, diferentemente daquelas que não possuem tais possibilidades.

Conclui-se, desta forma, que o papel da televisão no processo de socialização será mais ou menos determinante segundo as diferentes formas de relação das crianças com o meio, a maior ou menor importância da ação dos outros atores, e o acesso a outras referências culturais, isto porque, as significações transmitidas pela televisão são apropriadas e reelaboradas pelas crianças a partir de suas experiências e integram-se ao mundo vivido no decorrer de novas experiências.

O que uma pessoa se torna é sua responsabilidade, porém ela é em grande parte definida em suas possibilidades e suas impossibilidades, pela estrutura na qual está inserida e pela posição que ocupa nesta estrutura (BOURDIEU, 1997, p. 78).

Considerando-se que, as crianças inseridas no processo educativo estão fortemente expostas às mensagens veiculadas pela televisão, torna-se fundamental discutir a leitura deste meio, tendo em vista suas múltiplas possibilidades de influência sobre o desenvolvimento.

É importante ressaltar também que, como seus professores passaram por processos de socialização radicalmente diferentes, faz-se necessário e urgente desenvolver-se programas com o objetivo de capacitá-los para trabalharem adequadamente diante desta nova realidade.

Pensar que a mídia irá renunciar ao seu poder e se adaptar aos objetivos da escola é ilusório. Também é ilusório esperar que as famílias – principalmente as das camadas mais pobres – tenham condições de conscientizar seus filhos e educá-los para a leitura crítica das mensagens da televisão. Novamente se constata que cabe à escola conceber e executar a tarefa de educar para a mídia, visto que as formas e os conteúdos das mensagens às quais as crianças e jovens têm acesso não correspondem aos objetivos educativos e pedagógicos, mas à lógica da economia mundial.

A ESCOLA E A TELEVISÃO

A escola sempre procurou perpetuar como fonte de constituição do conhecimento o texto impresso, provocando uma alienante separação entre o mundo escolarizado e o mundo da comunicação. Valorizou o texto impresso porque este garante o controle por parte de quem ensina: o que explica a desconfiança da escola para com a imagem, para com sua incontrolável polissemia, que a converte no contrário do escrito.

Através do uso de seus materiais didáticos, principalmente os livros, buscou controlar a imagem a todo custo, seja subordinando-a à tarefa de mera ilustração do texto escrito, seja acompanhando-a de uma legenda que indique ao aluno o que diz a imagem (Barbero, apud, FRANCO & SAMPAIO, 1999).

Esse modelo impede a inserção da educação nos processos complexos de comunicação da sociedade atual, desconsiderando as aprendizagens realizadas fora de seus muros.

É como se a escola não olhasse para o seu entorno e "desconhecesse" que vivemos em um universo de linguagens. Linguagens que nos constituem enquanto sujeitos históricos imersos na cultura do nosso tempo. Um tempo marcado pelas novas formas de comunicação e acesso a uma vasta gama de informações de forma rápida, múltipla, em rede, alterando a nossa relação com o próprio tempo e espaço (ibid.).

Pode-se dizer que a escola, de um modo geral, vive um tempo a-histórico e a-temporal, ignorando que os indivíduos e os grupos não são mais confrontados com saberes estáveis, com classificações de conhecimentos legados e confortados pela tradição, mas com um saber-fluxo, de curso dificilmente previsível.

Este isolamento da escola em relação ao mundo da comunicação, algumas vezes inconsciente por parte dos envolvidos no processo educacional, provoca uma ruptura no contínuo que a caracteriza como segmento da sociedade, ocasionando uma dicotomia entre a escola e o mundo do lado de fora.

A televisão, por sua vez, apresenta não raras vezes, a escola em sua programação, seja através de filmes, programas humorísticos, novelas, propagandas publicitárias, etc., expondo formas específicas de se conceber este espaço, explorando as relações entre professores, alunos, funcionários e todos os

insumos: os conteúdos transmitidos através dos novos meios e tecnologias usados. Seguindo esta linha de pensamento, a principal finalidade perseguida pelas autoridades educativas é justamente a modernização do sistema educativo (GÓMEZ, 2002, p. 64).

No que tange à racionalidade da relevância, o autor (ibid.) esclarece que existe também outra forma de se tratar os meios ou tecnologia, não apenas como insumos, mas como objetos de estudo e análise, proporcionando uma orientação específica para o seu uso como tal e não somente como transmissor, promovendo uma orientação para uma adequada interação com os formatos e códigos técnicos e lingüísticos dos quais se compõem, visando o estímulo à aprendizagem e não somente a diversão (ibid. p. 66).

Dentro desta racionalidade, o objetivo se desloca do ensino para o aprendizado, entendido por Gómez, não somente como um resultado a partir de certos insumos, mas como um processo realizado em situações específicas que procuram estimulá-lo. Processo este, contextualizado na cultura dos educandos, que leve em conta seus hábitos anteriores de aprendizagem e comunicação, suas destrezas para conseguir inferir a síntese, a associação, a formulação de hipóteses, a abstração, a exploração. Concomitantemente, requer-se a consideração da historicidade⁵ dos setores específicos de educandos-usuários com o meio ou tecnologia de informação particular.

Cada vez mais, observa-se a presença de uma "indústria cultural" que colabora com a ideologia capitalista e se utiliza do progresso técnico para impedir a formação de indivíduos autônomos e obstruir suas capacidades de julgamento e decisão conscientes.

Então, por que a escola não ensina seus alunos a assistir televisão? Um observador leigo, responderia que ninguém precisa ser ensinado a assistir televisão, isto se aprende sozinho e, não seria a escola a encarregada de mais esta tarefa.

Realmente, segundo Franco & Sampaio (1999), as pessoas aprendem a assistir televisão sozinhas em função da gramática televisiva caracterizar-se de fácil compreensão, e isso se deve, em larga medida ao papel desempenhado pela

⁵ Para Gómez, historicidade é entendida como os hábitos e rituais que se vão gerando com a experiência no usos de meios e tecnologias para outros fins, não necessariamente educativos. As práticas e hábitos de trabalho intelectual dos usuários-educandos constituem mediações na sua vinculação educativa com as tecnologias e destas práticas surgem estereótipos, que se faz necessário conhecer e antecipar para potencializar o adequado uso de qualquer meio ou tecnologia com fins educativos.(GÓMEZ, 2002, p. 67).

mensagem lingüística, ou seja, a mensagem "fácil". Mas será que isso exclui a responsabilidade da escola diante desta questão?

É fato que nos países industrializados o assistir televisão ocupa o terceiro lugar na escala de atividades à qual os cidadãos adultos dedicam mais tempo, depois do trabalho e do sono, e o segundo lugar no tempo dedicado pelos estudantes⁶.

Diante deste contexto, se uma escola não ensina a assistir televisão, para que mundo está educando? Esse ensinar a assistir televisão deve ser compreendido como ensinar a ler a mensagem audiovisual veiculada por diferentes meios, além de compreender os processos de criação/produção dessas mesmas mensagens, percebendo seus objetivos e finalidades no contexto em que são oferecidas.

Atualmente, cada vez mais, as crianças e jovens precisam lidar, dentro do ambiente escolar, com a leitura dos diferentes meios e não só com a leitura da palavra escrita, pois suas vidas estão cada vez mais marcadas pela leitura de imagens e palavras que têm como suporte a mídia eletrônica (televisão, vídeo, cinema, computador, etc.), provocando novas maneiras de ser leitor e escritor e novas formas de estar, compreender e interferir neste mundo marcado pela cultura tecnológica.

Torna-se urgente que a escola incorpore ao seu fazer pedagógico as diferentes linguagens que estão postas no mundo, pois quanto mais abre para o aluno a possibilidade do acesso a essas linguagens, mais o seu universo cultural se ampliará e quanto mais amplo for o seu entendimento do real, menos ameaçado ficará diante dos desafios provocados pelas novas formas de comunicação.

Não se trata apenas de utilizar a qualquer custo a TV, várias escolas já a utilizam sem alteração significativa da relação ensino/aprendizagem que, baseada na transmissão de conhecimentos, permanece linear e impositiva, apesar do advento da tecnologia.

Para Gómez (2002) a falta de uma estratégia para o uso educativo de novos meios e tecnologias provoca a perda de seu potencial para os fins que se procuram, pois o processo através do qual os educandos e professores devem apropriar-se adequadamente dos novos meios e tecnologias não é um processo automático nem autodidata. O trânsito de um determinado uso dos meios e tecnologias da diversão

⁶ Conforme FERRÉS. apud. FRANCO & SAMPAIO. 1999.

e entretenimento para um uso destinado a objetivos de aprendizado e análise não é espontâneo, requer capacitação específica e especializada.

Muitas escolas têm utilizado a televisão e o vídeo como um modo de ocupar o tempo, na substituição de professores ou como um "adereço" novo às aulas. Ao restringir-se seu uso apenas a isso, perde-se a oportunidade de se garantir, na escola, espaços para que os alunos e professores aprendam a apreciar, analisar e criticar as imagens e informações a que têm acesso através do uso das linguagens das tecnologias, ampliando as suas competências comunicativas (ECO, apud, FRANCO & SAMPAIO, 1999).

Porém, para que esta incorporação aconteça, espera-se uma transformação nos processos de ensino-aprendizagem, da estruturação dos conteúdos, das situações de interação com eles e, em geral, da orientação pedagógica do esforço educativo no seu conjunto.

Transformar a pedagogia tradicional vigente supõe, entre outras coisas, mudar o ponto de partida e o ponto de chegada. Tradicionalmente parte-se do conteúdo a ser aprendido pelo aluno, que é o conteúdo a ser ensinado pelo professor ao aluno. Em uma nova pedagogia se partiria do sujeito-educando e do seu contexto. Isto significa que o conteúdo seria sempre o ponto de chegada, sendo o resultado de um processo naturalmente estimulado por certos conteúdos iniciais, mas nunca determinado de forma única (GÓMEZ, 2002).

Cabe à escola promover a incorporação de um diálogo polifônico e polissêmico do confronto das diferentes leituras realizadas a partir de um mesmo texto/contexto. No processo de troca das diferentes formas de ler, dizer, fazer, compreender, aprender e ensinar que circulam entre alunos e professores é que a singularidade dos sujeitos vai se constituindo. Sujeitos estes, que avançam na construção e apropriação de novos saberes a partir da troca, da relação e da interação com os outros e com o mundo, no espaço da intersubjetividade.

Assim, acredita-se que o uso das tecnologias da informação e da comunicação, no cotidiano escolar, podem e devem contribuir para a formação de professores e alunos leitores críticos da mídia e para atingir tal objetivo, não basta usá-las com o único intuito de tornar as aulas "mais atraentes, alegres e divertidas", é necessário que o professor esteja preparado para utilizá-las com a intenção de provocar a articulação das diferentes linguagens, rompendo dessa forma com a

repetição da palavra autorizada no sentido de tornar mais significativas as práticas pedagógicas.

Saber criar e selecionar o que usar, como usar e para que usar é tarefa importantíssima e cabe ao professor realizá-la. Incorporar ao dia a dia da escola as linguagens da tecnologia é muito mais do que alterar apenas os recursos empregados, evitando, assim que os alunos saiam das salas de aulas sem estarem devidamente preparados para realizar, de uma maneira reflexiva e crítica, a atividade à qual dedicam grande parte do seu tempo.

A FUNÇÃO DA ESCOLA NA FORMAÇÃO DE TELESPECTADORES CRÍTICOS

A escola como depositária do espírito crítico, responsável pela elaboração das aprendizagens e pela coerência da informação, detém a legitimidade cultural e as condições práticas de ensinar a lucidez às novas gerações. Diante deste desafio, a escola necessita rever-se e se adaptar, integrando em seu ensino as novas linguagens e os novos modos de expressão (UNESCO, 1984 apud BELLONI, 1991, p. 41).

No decorrer do processo histórico, a escola tem sido a instituição educativa principal e nela tem se depositado a legitimidade para educar as novas gerações, promovendo uma formação e acesso a conhecimentos socialmente aprovados, isto se dá geralmente através dos livros de texto. A escola, em uma nova perspectiva, deixaria de ser o centro depositário do conhecimento e do saber, transformando-se em um centro de reconhecimento e articulação de múltiplos conhecimentos e informações, orientando seus educandos sobre a forma de como associá-los para fins de aprendizado (GÓMEZ, 2002).

No contexto da sociedade contemporânea, esta instituição não pode mais ser vista como um ambiente independente, mas como um lugar dentro de outros espaços, interagindo-se mutuamente, cabendo-lhe, entre tantos outros, o desafio de reduzir a distância entre o discurso pedagógico tradicional, reproduzido há décadas no interior das unidades de ensino e a cultura na qual os alunos vivem, sendo que a televisão é um dos principais elementos integrantes da realidade vivida pelos estudantes — e muito pouco analisada pelos educadores.

Para Gómez, a escola somente preservará sua função como instituição educativa principal na medida em que for capaz de orientar os diversos aprendizados dos seus educandos. Aprendizados estes que têm seu lugar dentro e fora da escola, estimulados cada vez mais pelos novos meios e tecnologias de informação existentes, os quais cotidianamente interagem com os sujeitos sociais (GÓMEZ, 2002, p.68).

Ainda de acordo com os pressupostos deste autor (*ibid.*), a escola deve assegurar que a aprendizagem resultante de um processo educativo seja relevante para os que aprendem, essencialmente para seu desenvolvimento como ser humano e social, integrante de um grupo com especificidades próprias.

Partindo do pressuposto de que a tecnologia não é a causadora dos distúrbios da humanidade mas, sim, sua forma de utilização, percebe-se no dispositivo televisual a possibilidade de se renovar tal tecnologia, atrelando-a à educação, evidenciando-se que o caminho mais eficaz para a emancipação e cidadania parece ser a apropriação dos conteúdos da TV. Desta forma, a escola assume a função de equalizadora ou democratizadora das oportunidades sociais.

A educação para a cidadania significa, neste contexto, resgatar os ideais de democratização do conhecimento e da informação como instrumentos de emancipação. Uma busca pela formação de um receptor crítico, ativo, inteligente, capaz de distanciar-se da mensagem midiática e exercer sobre ela seu poder de análise e crítica.

Assim, a televisão pode ter uma maior aplicação, no sentido educacional e social, visto que é uma ferramenta e cabe ao homem utilizá-la de forma adequada e em prol de objetivos sociais. É neste sentido que deve-se envidar esforços para aplicar o dispositivo televisual ao ensino.

Dominá-los e não se deixar dominar por eles, assim uma educação voltada para a compreensão e utilização criativa e crítica destes meios, constitui-se como condição essencial para a realização de uma cidadania plena, caracterizando-se, esta modalidade da educação, como um meio de democratização das oportunidades educacionais e do acesso ao saber e de compensação das desigualdades sociais, com o objetivo de contribuir para um futuro mais humanizado que o presente e um pouco mais democrático também (BELLONI, 1991).

A televisão na escola significa, não apenas mais um expediente pedagógico, mas também uma nova opção educativa de colocar essa escola no mundo, abrindo novos espaços e novas perspectivas ainda não integralmente explorados. Quando se introduz os recursos audiovisuais em sala de aula, torna-se necessário atentar para que ao resgatar-se o componente de estudo, ofereça-se recursos para interpretá-lo e analisá-lo criticamente, permitindo a compreensão do procedimento da inclusão da cultura audiovisual.

Os alunos têm que viver a experiência de descobrir por si mesmos o que está acontecendo, o que está sendo mostrado e como está sendo mostrado, e também o que está sendo omitido, provocando diferentes interpretações a respeito de um mesmo assunto. Gómez (2002) afirma que nenhum meio ou tecnologia, por mais visível ou singelo que pareça, pode ser remediado ou tomado por sabido, enquanto

dispositivo de estruturação de seus próprios conteúdos e enquanto uma fonte distintiva de mediação.

Quando o professor constrói competência e habilidade para trabalhar com recursos tecnológicos, ao contextualizar as atividades propostas, esses procedimentos serão usados como mais uma ferramenta pedagógica enriquecedora do texto e do contexto que estão sendo trabalhados, não mais apenas em sua qualidade de instrumento de ação pedagógica, conseqüentemente pode-se proporcionar a ilustração dos conteúdos informativos, uma vez instrumentalizado pelo professor.

Porém, não raras vezes, o que ocorre é que a televisão é apenas utilizada no mesmo plano cultural de um gravador de som, de um quadro de giz, de um mapa-múndi, etc. não se sobrepondo ao professor, que então usa a telinha somente como um recurso e ilustra os conhecimentos levados ao aluno.

Na escola deve-se trabalhar a TV que o aluno vê, a TV que o professor vê e é em relação a essa TV que o aluno e o professor têm que reagir, têm que construir valores, têm que se posicionar. Pois, através do conhecimento do consumo midiático cria-se um instrumento importante para a educação de uma maneira geral, não só para o entendimento dos conteúdos escolares, mas para a avaliação, interpretação e o refinamento do gosto do público escolar.

Evidentemente, a simples introdução de um suporte tecnológico não significa inovação educacional. Esta só ocorrerá quando houver transformação nas metodologias de ensino e nas próprias finalidades da educação.

Para que a escola possa assumir de forma responsável mais esta determinação, torna-se necessário um trabalho junto aos profissionais que atuam na educação das crianças, essencialmente os professores da Ensino Fundamental pois, segundo Belloni (2001), a faixa etária ideal para se realizar a educação para a mídia corresponde à idade da escolaridade obrigatória.

A autora atenta para o fato de que o corpo docente das escolas públicas brasileiras não encontra-se devidamente preparado para desenvolver esta modalidade da educação, visto que, muitas das pessoas envolvidas no processo educativo se caracterizam como "telespectadores cativos do espetáculo televisual e não estão disponíveis para pôr fim em suas ilusões" (BELLONI, 2001, p. 79).

As tecnologias de comunicação permitem o acesso mais fácil e rápido à informação, aos dados, mas isso é só uma etapa no caminho do conhecimento,

porque pede-se que contextualize essas informações e dados, pede-se interpretação, pede-se julgamento – e este é o campo das tarefas do professor.

O PAPEL DO PROFESSOR PERANTE A UTILIZAÇÃO CRÍTICA DA TELEVISÃO

A integração das tecnologias de TV, vídeo e Internet ao processo de ensino-aprendizagem requer do professor desempenhar nova função, a de protagonista dessa integração (FERRÉS, 1998). Cabe-lhe preparar-se para mediar a cultura audiovisual eletrônica e as necessidades de desenvolvimento cognitivas, sociais, afetivas, emocionais dos alunos.

Ao educador cabe conhecer tecnologias e saber usá-las na formação continuada, para integrá-las à prática docente. Para isso, o professor necessita capacitar-se por meio da utilização das mesmas, considerando-as como objeto de estudo e procurando aplicá-las pedagogicamente.

Belloni (2001) entende que o que leva o professor a buscar atualizar-se é o questionamento de sua formação, que se origina das contradições entre suas experiências concretas, sua formação inicial e suas relações ambivalentes com as novas tecnologias.

Pode-se afirmar que a formação do professor antecede a conclusão de um curso específico para tornar-se docente, isto porque o contato do professor com o magistério está longe de se iniciar em seu curso de formação. Afinal, como aluno, desde criança, ele conheceu professores, conviveu dentro de uma sala de aula, de onde traz boas e más recordações.

Desta forma, a história de vida do professor – que inclui não só sua experiência como aluno, anos antes, mas sua vivência em diversos outros contextos – é sempre levada à escola e vai interferir de forma definitiva na maneira como ele recebe e se apropria das novas tecnologias. Gómez (2002) afirma que cada meio e cada tecnologia exercem uma mediação particular nas pessoas com as quais interatuam e na estruturação dos próprios conteúdos que transmitem.

Os professores participam de múltiplos contextos reais, que vão estar presentes em sua ação docente. Cada um vai ter uma interferência individual, diferenciada para o que recebe, de acordo com suas redes anteriores de conhecimento.

Todas as pessoas se caracterizam como uma rede de subjetividades formada em diversos contextos cotidianos, entende-se que a televisão é um desses contextos, portanto tem um papel importante na construção de conhecimento e na

formação de valores, mas sempre se levando em conta uma troca entre diversos contextos.

É interessante ressaltar que qualquer conteúdo da televisão pode ser educativo, a partir de seu uso como tal. Justamente por esta razão, torna-se imprescindível a integração da televisão ao currículo escolar, preparando-se os professores para serem eficazes nas mediações entre seus estudantes com a televisão, tendo em vista que “o potencial educativo da televisão não é dado com a simples emissão televisiva, ou não está em primeiro plano” (MELLO, s/d.).

Professores são sujeitos ativos adultos que dispõem de formas próprias de captar a prática e implementá-la. Suas concepções e habilidades definem seu modo de utilizar diferentes programas e meios educativos.

É muito importante compreender e aceitar a existência dessa diversidade na recepção, estimulando os professores – e conseqüentemente, seus alunos – a se tornarem produtores também, para que se tornem bons usuários.

Observa-se que à maioria das escolas oferece-se a televisão, o vídeo pronto, mas não se dá aos professores condições materiais para se produzir vídeos. É preciso fazer o professor se descobrir capaz de criar um vídeo e, se este se caracterizar como educativo, que o professor consiga estabelecer os objetivos e roteiro, direcionando sua produção aos seus alunos, seu público específico.

O professor não pode se restringir a olhar o que outros produziram. Ele e também os alunos têm histórias para contar. A produção local capta da realidade aspectos que grandes produções não captariam. Quando as pessoas se tornam capazes de dominar uma tecnologia, adquirem condições de melhor compreender a linguagem e a formulação nela utilizada.

A existência de professores que começam a dar espaço para que um aluno possa, por exemplo, trazer o vídeo que um parente gravou de sua festa de aniversário evidencia uma evolução em relação aos novos usos para este meio pois, com a valorização da produção doméstica o professor começa, juntamente com seus alunos, a entender que, dentro desses vídeos que produzem, há conhecimento.

Passa então a menos importante a presença física dos meios e evolui a integração, atribuindo-se funções específicas nos processos curriculares.

A partir da apropriação, por parte dos educandos, da capacidade de discernir e selecionar criticamente os produtos televisivos oferecidos, conhecendo o seu

processo de criação/produção, tornando-se capazes de reconhecer a existência de objetivos – evidentes e ocultos – direcionados aos telespectadores por cada programa, além de se oferecer condições para compreenderem o funcionamento e transmissão dessas mensagens, a programação televisiva poderá realmente ser vista como cultura e terá, em consequência seus produtos avaliados, sendo os maus impugnados e os de qualidade usufruídos (MELLO, s/d.).

CONHECENDO UM POUCO DA REALIDADE: UMA PESQUISA SOBRE A UTILIZAÇÃO DA TV PELA ESCOLA

Comumente ouve-se dizer que as escolas recusam-se a usar a televisão. Na realidade, cada vez mais é preciso saber se a TV é utilizada no contexto escolar – quando e como – além de salientar a importância de se conhecer as formas em que se dão as relações com essa tecnologia.

Visando compreender a utilização da TV pela escola, além de investigar como seus atores se relacionam com este aparato tecnológico dentro e fora do ambiente escolar, suas preferências, entre outros aspectos, procurou-se, através desta pesquisa⁷, analisar se a escola vem – e como vem – promovendo situações capazes de explorar os conhecimentos e as dúvidas geradas pelo contato constante com a televisão, sejam estes proporcionados dentro ou fora desta instituição.

Para tanto, tomou-se como objeto desta pesquisa um grupo de vinte crianças e vinte professores. Sendo que as crianças são oriundas de uma mesma instituição escolar – localizada na cidade de Nova Odessa, porém distribuídas em quatro salas diferentes, enquanto os professores, além dos docentes de cada sala deste grupo de crianças, foram entrevistados mais dezesseis, de cidades e redes de ensino diferenciadas.

A pesquisa se deu através da análise de dois tipos de questionários⁸, sendo um direcionado aos professores e outro oferecido às crianças. Os questionários destinados à coleta de dados junto aos professores lhes foram entregues, sendo que estes se dispuseram a respondê-los individualmente, sem auxílio. Enquanto que, para se conseguir os dados junto às crianças foram realizadas quatro visitas à escola, cada encontro funcionando como uma espécie de entrevista, visto que em cada uma das visitas, cinco crianças de uma mesma sala foram selecionadas aleatoriamente, para conversar com a entrevistadora.

Para se compreender melhor o contexto sócio-econômico-cultural em que foi realizada tal abordagem, cabe agora a descrição da cidade⁹ e da escola onde a pesquisa foi realizada.

⁷ Esta pesquisa retrata apenas um pequeno recorte da realidade, porém seus resultados visam promover uma reflexão, ou mesmo comparações com outros trabalhos direcionados a este tema.

⁸ Anexos 1 e 2.

⁹ Conforme http://www.novaodessa.sp.gov.br/dados_gerais. Acesso em 10/outubro/2004.

- *Limites e Localização da cidade de Nova Odessa/SP*

O Município de Nova Odessa é limitado pelos de Sumaré (Sul), Paulínia (Leste), Americana (Norte) e Santa Bárbara d' Oeste (Oeste). Situa-se entre as cidades de Americana e Sumaré, a noroeste da capital do Estado.

- *Distâncias*

<i>De</i>	<i>Até</i>	<i>Km</i>
<i>Nova Odessa</i>	São Paulo	119
	Campinas	22
	Piracicaba	43
	Limeira	37
	Brasília	959
	Americana	5
	Sumaré	6

- *Superfície*

Área total do Município - 84 Km², sendo 65% de área rural e 35% de área urbana.

- *População¹⁰*

A cidade possui 49.071 habitantes, com densidade demográfica de 468 hab/km².

Município de Nova Odessa	<i>População residente, sexo e situação do domicílio</i>					<i>População residente de 10 anos ou mais de idade</i>		
	<i>Total</i>	<i>Homens</i>	<i>Mulheres</i>	<i>Urbana</i>	<i>Rural</i>	<i>Total</i>	<i>Alfabetizada</i>	<i>Taxa de alfabetização (%)</i>
	42.071	20.867	21.204	41.110	961	34.969	33.190	94.9

- *Educação¹¹*

¹⁰ De acordo com o Censo do IBGE – 2000.

¹¹ Fonte: <http://www.guiib.com.br/np/novaodessa>. Acesso em 10/outubro/2004.

A Educação Pública encontra-se assim caracterizada:

<i>Estabelecimentos Públicos de Ensino</i>	<i>Quantidade</i>
Creche	8
Educação Infantil	13
Ensino Fundamental	9
Ensino Médio	3
Merenda Escolar Servida Diariamente	9.780

- *Economia*

O município de Nova Odessa, se caracterizava de praticamente 90% da mão de obra voltada para o ramo da Indústria Têxtil.

Com o decorrer dos anos, esse quadro vem se modificando, mantendo os mesmos níveis de emprego e gerando a vinda de novas empresas através de algumas particularidades, como localização, mananciais de água, rodovias próximas, mão de obra, etc.

Alguns setores se instalaram no município tais como: Metalurgia (fundição), Plástico, Indústria Química, Laboratórios.

Setor	Totais/Estabelecimentos
Comercial	1080
Prestadores de Serviço	1703
Industrial	274

- *Rede de água e esgoto*

<i>TIPO</i>	<i>PERCENTUAL</i>
Rede De Água	100 %
Rede De Esgoto	100 %

- *Iluminação e Pavimentação*

<i>TIPO</i>	<i>PERCENTUAL</i>
Iluminação	100 %
Pavimentação	85 %

Após esta breve apresentação da cidade, passa-se agora a descrição da escola na qual foram aplicados os questionários às crianças.

A escola pesquisada se caracteriza como uma E.M.E.F.E.I.¹² que atende, no período em que foi realizado o levantamento dos dados – manhã, cerca de 200 crianças distribuídas em duas salas de Educação Infantil, uma sala de segunda série, duas salas de terceiras e duas quartas séries.

Está localizada em um bairro residencial, próximo ao centro da cidade, atendendo, além de crianças moradoras do centro da cidade, também as provenientes de outros três bairros circundantes.

Observa-se que o prédio é organizado e bastante conservado, com dependências bem distribuídas. Observa-se a existência de uma grande área livre, arborizada, quadra de esportes e campo de futebol.

A construção é constituída pelas salas de aula, distribuídas em corredores, pátio coberto com palco, cozinha pedagógica, refeitório, biblioteca, além de salas destinadas aos professores, direção, secretaria, psicopedagoga e dentista.

A escola apresenta ainda uma sala de informática, com vinte computadores. Esta atividade possui um cronograma que visa o atendimento das crianças do ensino fundamental, possuindo um professor específico para ministrar estas aulas.

Esta instituição conta ainda uma sala destinada unicamente à utilização da televisão. Nesta sala encontram-se, dispostos em uma estante à frente, uma TV de 29 polegadas, dois aparelhos de vídeo e um receptor de antena parabólica. Ao fundo, fixada na parede existe, uma espécie de videoteca, possuindo uma grande variedade de filmes e desenhos infantis, assim como gravações de programas oferecidos pela TV a cabo, além de alguns registros de eventos feitos na escola, etiquetados como “Festa da Primavera”, “Estudo do Meio”, “Teatro apresentado aos pais”, etc. todos datados, observando-se que essas datas variam de 1999 até 2003.

Esta sala possui 40 cadeiras fixas no chão, dispostas em duas colunas contendo 5 fileiras com quatro cadeiras cada uma delas. Também observa-se a existência de ventiladores e janelas com cortinas que possibilitam a circulação constante do ar neste espaço.

A descrição da cidade e da escola, nas quais foram oferecidos os questionários às crianças visa oferecer ao leitor possibilidades de maior compreensão do contexto no qual foi desenvolvida a pesquisa.

Após esta breve exposição torna-se interessante expor os dados obtidos através dos questionários oferecidos aos alunos e professores inseridos na realidade desta instituição.

DADOS OBTIDOS ATRAVÉS DOS QUESTIONÁRIOS¹³

- ALUNOS

IDENTIFICAÇÃO

1. Idade:

O questionário foi oferecido para crianças na faixa etária de 9 e 10 anos.

2. Sexo:

Os questionários foram distribuídos para 10 meninas e 10 meninos.

3. Nível:

Os alunos freqüentam as 3ª séries A e B e 4ª séries A e B do Ensino Fundamental.

USO PESSOAL DA TELEVISÃO

1. Número de aparelhos televisivos em sua residência: *2 em média.*

2. Assiste TV diariamente:

Dezoito crianças responderam sim, enquanto apenas duas não.

3. Assiste programas televisivos com maior freqüência no horário:

Dezoito afirmaram ser o horário preferido para assistir a TV o período da tarde e 17 optaram pelo período noturno.

Obs. O número excede as vinte crianças às quais foram direcionados os questionários porque várias delas assinalaram duas alternativas (vespertino e noturno).

Nenhuma criança optou pelo horário da manhã, alegaram que durante este período se encontram na escola e aos finais de semana, dormem.

¹² Escola Municipal de Ensino Fundamental e Educação Infantil.

¹³ Os dados obtidos através do levantamento das respostas das dezesesseis professoras, que se caracterizam a amostragem docente fora deste contexto encontram-se no anexo 3.

4. Tempo médio diário destinado à esta atividade:

A média de horas diárias destinadas à assistir programas na TV obtida equivale a 5 horas.

5. Possui assinatura de TV paga:

Das crianças que participaram desta pesquisa, somente duas possuem assinatura de TV.

6. Canais preferidos:

Os canais preferidos pelas crianças aqui analisadas podem ser assim classificados:

- 1) Globo com 12 indicações em primeiro lugar e 4 em segundo lugar em preferência, totalizando 16 indicações;
- 2) SBT (Sistema Brasileiro de Televisão) com 3 indicações em primeiro lugar e 11 em segundo em preferência, somando 14 indicações;
- 3) Bandeirantes e Cultura encontram-se empatadas com 2 indicações cada para o primeiro lugar em preferência;
- 4) Record com 1 indicação para o primeiro lugar e 2 para o segundo em preferência;
- 5) Gazeta e Canais da TV paga obtiveram apenas 1 indicação cada para o segundo lugar em preferência.

7. Produções televisivas mais assistidas:

Os dados obtidos através desta questão foram classificados em estilos, sendo os programas indicados encaixados num dos segmentos abaixo:

- 1) Novelas e desenhos obtiveram o primeiro lugar em preferência pelas crianças com 15 indicações cada;
- 2) Filmes ocupam a segunda posição em preferência com 7 indicações;
- 3) Seriados apresentaram 6 indicações;
- 4) Programas de auditório obtiveram 4 indicações;
- 5) Jornais (noticiários) obtiveram três indicações;
- 6) Reality show obteve 1 indicação.

8. Costuma destinar tempo para comentar/conversar com seus familiares a respeito das produções assistidas:

Nenhuma criança respondeu que não destina tempo para conversar sobre o que assiste na TV. Das vinte crianças que responderam ao questionário, 20% delas responderam sim, enquanto 80% responderam que às vezes destinam tempo para falar sobre o que vêem na TV, dependendo do assunto em questão.

USO DA TELEVISÃO NA ESCOLA

1. Você assiste TV na escola?

Todas as respostas foram afirmativas.

2. Com que frequência?

A frequência de uso desta tecnologia foi assim definida pelas crianças: 10 delas afirmaram ser o uso mensal, 09 assinalaram a opção "outros", especificando que esta atividade ocorre raramente, enquanto 1 assinalou o uso semanal da TV na escola.

Obs. O fato de apenas uma das crianças afirmar que o uso da TV pela escola se caracteriza como semanal, faz-se presumir que esta equivocou-se na resposta, visto que as outras quatro crianças entrevistadas de sua sala não optaram por esta alternativa.

3. Qual o período de tempo aproximado destinado a esta atividade?

O tempo indicado por 19 das crianças que responderam ao questionário foi o de 60 a 90 minutos, enquanto 1 respondeu ser o tempo destinado à esta atividade de 40 a 50 minutos.

4. O que a professora costuma apresentar na televisão?

Dezenove das vinte crianças afirmaram que o que é passado na TV pela escola se restringe à reprodução de vídeos comprados ou locados pela escola.

5. Como são escolhidos os temas a serem apresentados?

Dez crianças afirmaram que a escolha do que será apresentado é sugerida pela professora, porém 16 crianças responderam ocorrer votações para a escolha do que será passado, sendo as opções também oferecidas pelas professoras, já a opção "são sugeridos pelas crianças" não obteve nenhuma indicação.

Obs. O número de respostas alcançado nesta questão se excede ao número de entrevistados, pois algumas crianças assinalaram duas alternativas.

6. Que atividades são realizadas a partir do que foi apresentado na televisão:

A maioria das crianças – 18 delas – respondeu que entre as atividades propostas, o que realizam com maior frequência são registros como desenhos e produções de textos a partir do que foi exposto na TV. Cinco assinalaram a ocorrência de debates, enquanto duas optaram por “outros” especificando que, após assistirem TV não fazem nada, sendo justificado este “nada”, em um dos casos, devido ao fato de que, segundo a criança, a professora não gosta.

7. Costuma destinar tempo para comentar/conversar com seus familiares e amigos a respeito das produções assistidas:

Treze crianças responderam afirmativamente a esta questão, 5 delas assinalaram “às vezes”, enquanto 2 negaram este tipo de comportamento.

8. Para você, o uso da televisão na escola tem um papel importante?

Das vinte crianças que responderam os questionários, 17 acham importante a presença da TV na escola, justificando tal resposta pela possibilidade de contato com filmes e desenhos interessantes. Três responderam que não, sendo que uma justificou sua resposta pela impossibilidade de compreensão do está sendo tratado devido a falta de respeito de alguns colegas que conversam muito durante o uso da TV e ao fato de que a televisão da escola não possui muita potência de som.

- **PROFESSORES DAS CRIANÇAS ENTREVISTADAS**

IDENTIFICAÇÃO

1. Idade:

A idade dos professores das crianças da amostragem variou de 28 a 47 anos, apresentando uma média etária de 37 anos.

2. Sexo:

Todos os professores são do sexo feminino.

3. Formação acadêmica:

Todas as professoras possuem nível superior completo, 3 são pedagogas e uma é pós graduada. Das quatro professoras, duas delas são graduadas em licenciaturas – uma em Letras, e a outra em Ciências e Matemática.

4. Tempo de exercício no magistério:

A média do tempo de exercício no magistério é de 14 anos.

5. Período de trabalho:

Todas trabalham no período da manhã, em escola pública e no ensino fundamental e apenas uma não acumula cargo. As outras três acumulam o cargo de professora, sendo que, duas delas em escolas estaduais e uma em instituição privada.

6. Idade das crianças com as quais trabalha:

A faixa etária das crianças com as quais trabalham é de 9 a 10 anos.

USO PESSOAL DA TELEVISÃO

1. Número de aparelhos televisivos em sua residência:

A média de aparelhos de TV é de duas por casa.

2. Assiste TV diariamente:

Três professoras responderam sim e uma não.

3. Assiste programas televisivos com maior frequência no horário:

Todas responderam ser o horário noturno o de maior frequência para a realização dessa atividade.

4. Tempo médio diário destinado à esta atividade:

O tempo médio destinado à assistir TV é de 2 horas.

5. Possui assinatura de TV paga:

Das quatro professoras, apenas uma possui assinatura de TV paga.

6. Canais preferidos:

- 1) Cultura com 4 indicações.
- 2) Globo e Bandeirantes com uma indicação cada.
- 3) Canais da TV paga com uma indicação cada.

7. Produções televisivas mais assistidas:

Os dados obtidos através desta questão foram classificados em estilos, sendo os programas indicados encaixados num dos segmentos abaixo:

- 1) Novelas e telejornais com 3 indicações cada;
- 2) Filmes, seriados e programas educativos com 2 indicações cada;
- 3) Documentários com 1 indicação.

8. Costuma destinar tempo para comentar/conversar com seus familiares a respeito dessas produções:

Três das professoras responderam afirmativamente esta questão, enquanto uma optou pela alternativa "às vezes".

USO PROFISSIONAL DA TELEVISÃO

1. A escola em que você trabalha possui aparelho de televisão?

Todas responderam que sim.

2. Qual é a frequência de uso deste aparelho por sua sala?

A frequência de uso da TV foi descrita como quinzenal por duas professoras, mensal por uma delas, enquanto a última optou por "outros" justificando esta escolha afirmando que a utilização da TV depende do projeto que está sendo desenvolvido.

3. Qual o período de tempo aproximado destinado a esta atividade?

Três das professoras assinalaram de 60 a 90 minutos, enquanto uma optou por "outros".

4. Existe um cronograma preestabelecido?

Novamente três professoras responderam afirmativamente, enquanto uma assinalou a alternativa "não".

5. O que você costuma apresentar na televisão para as crianças?

Três disseram utilizar a TV para a reprodução de vídeos, enquanto uma optou por "outros" justificando depender da aula programada, porém sem explicar como a utiliza ou o que apresenta.

6. Como são escolhidos os temas a serem apresentados?

A escolha depende do planejamento segundo as quatro professoras. Duas delas ainda abordaram a necessidade de se observar o interesse das crianças.

7. Já produziu algum material televisivo junto às crianças?

Das quatro professoras, duas já produziram materiais com as crianças: filmagens de teatro, estudos do meio e danças realizados pelas crianças.

8. Quais as finalidades do uso da TV na escola em que trabalha?

As quatro professoras utilizam a TV com finalidades didáticas, sendo que duas delas também assinalaram que utilizam-se deste recurso como forma de gerar entretenimento e lazer para seus alunos.

9. Que atividades são propostas após o contato com o programa/vídeo assistido?

Entre as atividades propostas, a conversa foi assinalada pelas quatro professoras, seguida pelos registros, com três indicações, enquanto que as discussões e debates tiveram duas indicações.

10. Você considera que o uso da televisão tem um papel importante na escola?

As quatro professoras consideram importante o uso da TV na escola, justificando suas respostas ao afirmarem ser um importante recurso para se introduzir ou evidenciar algum assunto referente aos conteúdos abordados em sala de aula.

A partir da análise dos dados obtidos através dos questionários destinados às crianças sobre o uso pessoal da TV pode-se confirmar a grande quantidade de

tempo que elas destinam à esta atividade. O mesmo item do questionário oferecidos ao professores revela que, apesar de assistirem a TV, os adultos desta amostragem destinam menos tempo à ela. Ainda, em relação ao uso pessoal da TV, observa-se que todos possuem aparelho de TV em casa, exceto uma das crianças que, apesar disso, a assiste diariamente.

Também foi possível constatar que crianças e professores apresentam a gostos semelhantes quanto à preferência por canais e programações exibidas. Porém nota-se que na escola este fato é posto a parte, visto que, no ambiente escolar, exibem-se – segundo os dados obtidos – na maioria das vezes, vídeos comprados ou locados, evidenciando uma utilização restrita da TV como objeto de estudo e análise.

Comparando as respostas das dezesseis professoras inseridas em outros contextos¹⁴, observa-se que a maioria dessas profissionais utilizam-se da televisão principalmente, quando não exclusivamente, como recurso didático eficaz na apresentação, introdução e/ou ilustração dos conteúdos presentes nos currículos de cada escola. Para ilustrar esta afirmação foram selecionadas algumas respostas de crianças:

(O uso da televisão pela escola é importante...)

“Porque a gente vê vários filmes que ensinam.”

“Porque é muito legal assistir filmes e quando voltamos para a sala fazemos lições sobre eles.”

E de professoras:

“É uma maneira de dinamizar a aula, podemos [os professores] mostrar algo em vídeo que explique mais detalhado aquilo que passamos em sala de aula.”

¹⁴ Amostragem das professoras pertencentes a outras redes de ensino e municípios.

“A televisão é um meio bastante atrativo e seu uso é importante como apoio didático, seja para a introdução de um determinado assunto, para enriquecê-lo ou concluí-lo.”

Através desta pesquisa, foi possível constatar também a presença de professoras que afirmam utilizarem-se da TV na escola de maneira crítica. Cerca de 30% delas dizem promover aos seus alunos condições de refletirem sobre o que lhes é apresentado diariamente nos programas de TV, conforme observa-se nas respostas abaixo:

“Não há como desconsiderar a importância de qualquer recurso tecnológico (TVs, computadores, vídeos, gravadores...) que venham a colaborar com a aula do professor. Todos esses recursos são muito presentes no dia-a-dia das pessoas e quando não são, a escola tem a ‘obrigação’ de oferecê-los aos alunos para aproximá-los cada vez mais de um ‘saber’ só ofertado às elites.

** Há que se planejar boas estratégias de trabalho para uso desses recursos.”*

“A TV já faz parte da vida de quase todos os alunos. Portanto é nosso dever [dos professores] discutir os temas da realidade para que a criança aprenda a ver criticamente a TV (...).”

“Através da televisão, mesmo quando utilizada para a reprodução de vídeos, é possível discutir assuntos que fazem parte do cotidiano dos alunos (...).”

Uma porcentagem ainda restrita, ou seja, 15% das professoras entrevistadas, ou seja, três profissionais já produziram materiais para serem apresentados aos seus alunos, visando incrementar alguma discussão ou registrar atividades

desenvolvidas pelas crianças no contexto escolar, porém nenhuma delas citou este uso na resposta sobre a importância do uso da TV.

Também é interessante ressaltar a preocupação sobre como a TV vem sendo utilizada na escola evidenciada em uma das respostas:

“(...) Entretanto o uso indiscriminado tem levado este recurso à banalização. Muitas vezes as crianças demonstram desmotivação em relação ao uso da TV na escola. Há que se retomar junto ao corpo docente a importância de sua utilização, bem como, novas formas de utilizá-la.”

Este alerta mostra a importância do que é apresentado na TV pelos educadores às crianças, pois algumas delas realmente demonstram desinteresse por esta atividade como é possível observar em algumas respostas:

(Você gosta de assistir televisão na escola?)

“Não. Os filmes na escola são chatos (...).”

“Sim. Depende do filme que assistimos na escola.”

“Não. Não vale a pena, porque não dá para ouvir nada, ou seja, eles [os alunos] ficam bagunçando muito.”

Algumas professoras também mostraram-se desmotivadas em relação à utilização da televisão em seu ambiente de trabalho, mesmo como apoio didático. Uma delas justificou que não acha importante o uso escolar da TV devido à existência de um conjunto fatores que, segundo ela, dificultam o desenvolvimento de propostas voltadas para a utilização da TV como, por exemplo, a falta de um local específico para a realização desta atividade e as conseqüentes complicações de deslocá-la e instalá-la em sala de aula, concluindo que, se houvesse a

possibilidade de cada sala possuir equipamentos próprios, esta situação se modificaria significativamente.

Através do contato com diferentes opiniões a respeito do uso escolar da TV coletados nesta pesquisa e das explicitações aqui realizadas, pode-se afirmar que a televisão, de uma forma ou de outra, está presente no ambiente escolar e que tanto os professores quanto os alunos dialogam de formas diferentes com essa tecnologia. Além disso, é preciso levar em conta que os professores são sujeitos ativos, que dispõem de formas próprias de captar a prática e implementá-la, suas concepções e habilidades definem seu modo de utilizar diferentes meios.

Isto pode ser ilustrado através dos resultados observados que demonstram como um instrumento idêntico pode ser utilizado com nuances diferentes, determinadas por crenças e valores individuais e coletivos, presentes no interior das instituições educativas, capazes de gerar formas diversas, algumas vezes antagônicas, de se compreender e utilizar uma mesma tecnologia.

O levantamento dos dados evidencia também a presença de estratégias ainda incipientes, apontando a necessidade de se oferecer capacitação profissional adequada ao uso deste recurso tecnológico na escola. Capacitação esta, direcionada a proporcionar condições para que o professor construa competências e habilidades para utilizar criticamente este meio na escola, repensando seus procedimentos em relação a ele para além de uma ferramenta pedagógica enriquecedora do texto e do contexto que estão sendo trabalhados, ampliando sua aplicação não mais somente para o entendimento dos conteúdos escolares, mas para a análise, interpretação, avaliação e crítica da TV como meio de comunicação para as massas, transformando-a em um veículo de democracia cultural e informativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao encerrar a apresentação deste trabalho, o qual buscou evidenciar a necessidade de um novo tratamento em relação às tecnologias, especificamente à TV no ambiente escolar, concomitantemente propõe-se promover reflexões e, a partir destas, orientar transformações no que diz respeito à sua utilização pelos profissionais da Educação.

Pode-se afirmar que modificações se fazem urgentes, pois é preciso se levar em conta que, atualmente, os alunos ao chegarem na escola encontram-se impregnados por conhecimentos adquiridos fora dela, especialmente através da exposição constante aos meios de comunicação. Este conjunto de conhecimentos que os meios sugerem, geralmente estão carregados por uma ideologia que estimula a formação de valores e ideais, tendo em vista uma sociedade de consumo, a lógica de mercado. Neste contexto é importante considerar que a televisão não é uma coisa isolada, é reflexo de determinada sociedade, em determinado período de tempo, que privilegia ou repudia determinados comportamentos sociais.

Responsabilizar completamente a escola pela tarefa de se educar para uma leitura crítica dos meios de comunicação, seria desconsiderar o que foi exposto acima: que a educação é um processo mais amplo e que não se dá apenas dentro do contexto escolar, que ela também é constituída em outros espaços sociais. Consequentemente, para se produzir uma integração adequada da televisão à vida dos alunos, a escola e o lar devem andar de mãos dadas, cada um com suas responsabilidades. Porém, essa tarefa dificilmente será desempenhada pelos pais que, em geral, estão tão carentes de formação nessa área quanto seus filhos, restando à escola uma maior parcela de responsabilidade no que tange à recepção consciente dos produtos televisivos.

No decorrer deste trabalho evidenciou-se que, ao se tratar a educação contemporânea é imprescindível analisar a influência dos meios de comunicação na sociedade, isto porque as crianças permanecem diariamente muito tempo assistindo televisão, em alguns casos, mais tempo do que passam na escola¹⁵. Esse fato, por si só, já é suficiente para que a mídia seja incorporada no ambiente escolar não somente como ferramenta de apoio ao ensino, mas como objeto de estudo, aiém de

¹⁵ Conforme respostas obtidas nos questionários oferecidos às crianças.

direcionar seu uso à atualização de professores e alunos, como um incentivo a análise crítica das mensagens veiculadas e como forma de democratizar a informação e promover a cidadania.

À escola cabe repensar sua prática pedagógica e seu modelo de gestão, em que a mídia não seja meramente um acessório ao processo de constituição de conhecimentos e valores. Desta forma, a escola, ao inserir a TV no processo educativo, não pode abrir mão de seu projeto humanista, e para isso tem que ter o controle de suas práticas, incorporando estes novos materiais e recursos, a partir de seu projeto, e não da lógica desses produtos. Também precisa oferecer condições de compreensão da linguagem e dos recursos utilizados pelos meios, para que tanto crianças quanto adultos possam ter uma recepção crítica do que lhes é transmitido.

Uma constatação importante do trabalho é que o potencial pedagógico dos meios de comunicação é pouco compreendido pelos professores. Vários destes, por despreparo ou preconceito, apresentam dificuldades de inserir a TV nos conteúdos programáticos das aulas. Consideram-na apenas como entretenimento, o que não colabora para aproximar as áreas da educação e da comunicação.

Vale ressaltar que o emprego dos meios de comunicação não isenta a escola de seu papel primordial de educar, ou seja, não se busca com o uso dos meios substituir ou anular a função dos professores, dos livros e da própria instituição escolar. As imposições do mundo atual vão no caminho da abertura da escola aos meios de comunicação, ou seja, na direção de um diálogo e na superação dos estereótipos que ainda cercam essa relação. Isso implica em alfabetizar os estudantes para que sejam capazes de elaborar suas próprias comunicações, com suas distintas linguagens e lógicas de articulação, compreendendo, assim, as dinâmicas apresentadas diariamente pela TV.

Considera-se que a proposta de utilização da TV na escola, apresentada por este trabalho, pressupõe uma transformação bastante significativa na relação atual que esta última mantém com a TV, ou seja, dos atores que participam do processo educativo com os produtos televisivos oferecidos.

Na pesquisa aqui realizada pôde-se constatar, através da observação e análise dos dados obtidos nos questionários destinados aos professores, que passos em direção a esta transformação estão sendo dados, embora ainda tímidos

e somente verificados no desenvolvimento de atividades por uma pequena parcela destes profissionais.

É óbvio que mudanças significativas são gradativas e, portanto, requerem tempo para serem verificadas, porém o fato de já se observar a presença de profissionais da Educação interessados e dispostos a assumir a função¹⁶ - a de educar para as mídias – vem confirmar que alterações neste sentido estão ocorrendo.

Esta evidência deve ser entendida como um avanço significativo nas estratégias do uso da televisão na escola, visto que, desconstruir uma concepção presente há tempos no interior das instituições escolares, através da qual a TV foi tratada como mero insumo, um apoio didático utilizado apenas para ilustrar assuntos, sem a preocupação de tê-la como objeto de estudo, isentando-se professores e alunos de uma abordagem crítica deste meio, não é algo simples, mas um processo longo e árduo.

Transformar a tradicional forma de utilização da TV adotada pelos educadores dentro das escolas, possibilitando-lhes diversificadas maneiras de se empregar este recurso, implica em oferecer uma capacitação adequada para que estes passem a ter a TV como uma importante aliada no processo educativo, um instrumento capaz de auxiliá-los não somente na transmissão de conteúdos, mas na formação de pessoas mais conscientes e críticas na recepção dos produtos televisivos.

Desta forma, uma ação pedagógica competente, decorrente de uma formação apropriada dos professores do Ensino Fundamental para exercer este papel – o de educador comunicador/educador para as mídias – é extremamente necessária, tendo em vista a importância dos primeiros anos de escolaridade na vida de cada indivíduo, pois são neles que se instala a semente da futura relação com o conhecimento e com o mundo. Crianças às quais que se oferece uma educação de qualidade se tornarão cidadãos cômicos e comprometidos com a construção de um mundo melhor, se concebendo, portanto, uma cidadania consciente e comprometida com o coletivo.

¹⁶ Registros observados nos questionários.

BIBLIOGRAFIA

Obs. Foram incluídas na bibliografia, além das obras citadas, aquelas consultadas e que podem ser úteis ao leitor eventualmente interessado em aprofundar ou ampliar o estudo do tema abordado por este Trabalho de Conclusão de Curso.

ARRÈS, P. História Social da Criança e da Família. R. J., Livros técnicos e Científicos Editora, Segunda Edição, 1981.

BARDANACHVILI, E. "A história do professor interfere no uso que faz da tecnologia". Entrevista. In <http://jbonline.terra.com.br/jb/papel/cadernos/emprego.html>. Acesso em 30/setembro/2004.

_____. "Mais que usuário, produtor". Entrevista. In <http://jbonline.terra.com.br/jb/papel/cadernos/emprego.html>. Acesso em 30/setembro/2004.

BELLONI, M. L. "*Educação para a mídia: missão urgente da escola*". Comunicação e sociedade, n. 17, 1991.

_____. "*Escola versus televisão: uma questão de linguagem*". Educação e Sociedade, n. 52, 1995.

_____. O que é mídia-educação. Campinas, SP: Autores Associados, 2001. (Coleção polêmicas do nosso tempo; 78)

BORSERO, C. Televisão e escola: um diálogo possível. <http://www.midiativa.tv/index.php>. Acesso em 10/mai/2004.

BOURDIEU, P. Sobre a Educação seguido de A influência do jornalismo e Os Jogos Olímpicos. MACHADO, M. L. (tradução). Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor, 1997.

- CARNEIRO, V. L.Q. "TV e vídeo na formação de professores: desafios e conceitos - TV na educação e mediação do professor". in <http://www.tvebrasil.com.br/salto/boletins2002/tedh/tedhtxt1b.htm>. Acesso em 30/set/2004.
- _____. "Olhar sobre linguagens audiovisuais. Relatório sobre a área de Tecnologias na educação" - Departamento de Métodos e Técnicas - Faculdade de Educação, Brasília, 1998, (mimeo).
- FERRAZ, E. "TELEVISÃO: Do Nascimento Panóptico à Teleducação". <http://www.facom.ufjf.br/lumina/R4-Ernani-HP.doc>. Acesso em 30/set/2004.
- FERRÉS, J. "Pedagogia dos meios audiovisuais e pedagogia com os meios audiovisuais". In Sancho, J. (org.) Para uma tecnologia educacional. Porto Alegre. Artmed, 1998.
- FRANCO, M. A. & SAMPAIO, C. S. "Escola e novas tecnologias : uma parceria possível?" Linguagens, Comunicação e Cibercultura: novas formas de produção do saber. Informática na educação n.05 (junho/99). <http://www.revista.unicamp.br/infotec/educacao/educacao5-1.html> acesso em 14/06/2004.
- GARCIA, R. L. "Impasse na Educação na América Latina II." in <http://www.apagina.pt/arquivo/Artigo>. Acesso em 30/setembro/2004.
- GÓMEZ, G. O. "Comunicação, educação e novas tecnologias: tríade do século XXI" . Artigo Internacional. Comunicação & Educação, São Paulo, (23), 2002. p. 57 – 70.
- KINCHELOE, J. L. "Esqueceram de mim e *Bad to the Bone*: o advento da infância pós-moderna" in KINCHELOE, Joe L. & STEINBERG, Shirley R. (orgs). Cultura infantil: A construção corporativa da infância. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2001. p. 55 – 86.
- LOURO, L.G. "O cinema como pedagogia" in LOPES, E.M.T., FARIA FILHO, L.M. & VEIGA, C.G. (orgs.). 500 anos de educação no Brasil. 3ª ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2003, p.423 - 446. (Coleção Historial, 6).

MELLO, E. R. "A escola está de costas para a televisão". <http://www.midiativa.org.br/index.php/pais/content/view/full/283>. Acesso em 24/mai/2004.

OZORIO, M. "Televisão e criança: por uma leitura crítica e reflexiva da mensagem audiovisual." in <http://www.pedagobrasil.com.br/pedagogia/educacaoeviolencia.htm>. Acesso em 25 /maio/ 2004.

PONS, J. P. "Visões e conceitos sobre a tecnologia educacional." In SANCHO, J. M. Para uma tecnologia educacional. Porto Alegre: Artmed, 1998.

REZENDE, E. "A escola está de costas para a televisão." in <http://www.midiativa.org.br/index.php/pais> . Acesso em 25/ maio/2004.

SILVA, A. M. M. "Educação e violência: Qual o papel da escola?" in <http://www.pedagobrasil.com.br/pedagogia/educacaoeviolencia.htm>. Acesso em 25/maio/ 2004.

TAVARES, M. L. "Mídia e escola: um diálogo necessário." in http://www.multirio.rj.gov.br/multirio/noticias/opiniaop.asp?var_rs_id_noticia=2318. Acesso em 25/maio/2004.

VILLELA, H. S. O. "O mestre-escola e a professora" in LOPES, E.M.T., FARIA FILHO, L.M. & VEIGA, C.G. (orgs.). 500 anos de educação no Brasil. 3ª edição, Belo Horizonte: Autêntica, 2003, p.423 - 446. (Coleção Historial, 6)

ANEXOS

ANEXO 1 – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS.

UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas
Faculdade de Educação - Pedagogia

Questionário destinado a recolhimento de informações a serem utilizadas exclusivamente em Trabalho de Conclusão de Curso, com a devida autorização dos participantes.

Este questionário visa estabelecer uma maior compreensão sobre o uso da TV pelos alunos e profissionais da educação.

IDENTIFICAÇÃO

1. Nome:
2. Idade:
3. Sexo: () feminino
() masculino
4. Nível: () Educação Infantil () 1ª série () 2ª série
() 3ª série () 4ª série

USO PESSOAL DA TELEVISÃO

9. Número de aparelhos televisivos em sua residência:
10. Assiste TV diariamente: () sim () não
11. Assiste programas televisivos com maior frequência no horário:
() matutino () vespertino () noturno
12. Tempo médio diário destinado à esta atividade:
13. Possui assinatura de TV paga: () sim () não
14. Canais preferidos: 1.
2.
15. Produções televisivas mais assistidas: 1.
2.
3.
16. Costuma destinar tempo para comentar/conversar com seus familiares a respeito das produções assistidas: () sim () não () às vezes

USO DA TELEVISÃO NA ESCOLA

9. Você assiste TV na escola? () sim () não

10. Com que frequência?

() diária () semanal () quinzenal () mensal

() outros, especifique.....

11. Qual o período de tempo aproximado destinado a esta atividade?

() 20 a 30 minutos

() 30 a 40 minutos

() 40 a 50 minutos

() 60 a 90 minutos

12. O que a professora costuma apresentar na televisão?

() reprodução de vídeos

() programas da TV aberta

() programas da TV paga

() outros, especifique.....

13. Como são escolhidos os temas a serem apresentados?

() são sugeridos pela professora

() são sugeridos pelas crianças

() são realizadas votações para escolher o que será apresentado

() outros, especifique.....

14. Que atividades são realizadas a partir do que foi apresentado na televisão:

() rodas de conversa

() discussões/debates

() registros

() outros,

especifique.....

15. Costuma destinar tempo para comentar/conversar com seus familiares e amigos a respeito das produções assistidas: () sim () não () às vezes

16. Você gosta de assistir televisão na escola?

() sim () não

Justifique.

.....

Obrigado pela colaboração.

Márcia Regina Gonçalves

ANEXO 2 – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS PROFESSORES.



UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas
Faculdade de Educação - Pedagogia

Questionário destinado a recolhimento de informações a serem utilizadas exclusivamente em Trabalho de Conclusão de Curso, com a devida autorização dos participantes.

Este questionário visa estabelecer uma maior compreensão sobre o uso da TV pelos profissionais da educação.

IDENTIFICAÇÃO

5. Nome:
6. Idade:
7. Sexo: () feminino
() masculino
8. Formação acadêmica: () Magistério
() Superior Incompleto
() Superior (cursando)
() Superior Completo
9. Especifique sua área de formação:
 - a) Curso:
 - b) Instituição:
10. Tempo de exercício no magistério:
11. Período de trabalho: () matutino
() vespertino
() intermediário
12. Tipo de instituição em que atua: () Pública Municipal
() Pública Estadual
() Privada
13. Acumula cargo em outra instituição:
 - a) () Sim
() Pública Municipal
() Pública Estadual
() Privada
 - b) () Não

14. Nível em que atua: () Educação Infantil
 () Ensino Fundamental
 () Ensino Médio
 () outro, especifique:
15. Idade das crianças com as quais trabalha:

USO PESSOAL DA TELEVISÃO

17. Número de aparelhos televisivos em sua residência:
18. Assiste TV diariamente: () Sim () Não
19. Assiste programas televisivos com maior frequência no horário:
 () matutino () vespertino () noturno
20. Tempo médio diário destinado à esta atividade:
21. Possui assinatura de TV paga: () sim () não
22. Canais preferidos: 1.
 2.
23. Produções televisivas mais assistidas: 1.
 2.
 3.
24. Costuma destinar tempo para comentar/conversar com seus familiares a respeito dessas produções: () sim () não () às vezes

USO PROFISSIONAL DA TELEVISÃO

11. A escola em que você trabalha possui aparelho de televisão?
 () sim () não
12. Qual é a frequência de uso deste aparelho por sua sala?
 () diária () semanal () quinzenal () mensal
 () outros, especifique:
13. Qual o período de tempo aproximado destinado a esta atividade?
 () 20 a 30 minutos
 () 30 a 40 minutos
 () 40 a 50 minutos
 () 60 a 90 minutos
14. Existe um cronograma preestabelecido?
 () sim () não
15. O que você costuma apresentar na televisão para as crianças?

- () reprodução de vídeos
 () programas da TV aberta
 () programas da TV paga
 () outros, especifique.....

16. Como são escolhidos os temas a serem apresentados?

- () devem abordar assuntos relacionados ao planejamento/projeto em desenvolvimento
 () de acordo com os interesses das crianças
 () outros, especifique.....

17. Já produziu algum material televisivo junto às crianças?

- () sim, especifique
- () não

18. Quais as finalidades do uso da TV na escola em que trabalha?

- () entretenimento/lazer
 () didáticas
 () outros, especifique.....

19. Que atividades são propostas após o contato com o programa/vídeo assistido?

- () rodas de conversa
 () discussões/debates
 () registros
 () outros, especifique.....

20. Você considera que o uso da televisão tem um papel importante na escola?

- () sim () não

Justifique.

.....

.....

.....

.....

Obrigado pela colaboração.

Márcia Regina Gonçalves

ANEXO 3 – TABULAÇÃO DOS DADOS OBTIDOS ATRAVÉS DOS QUESTIONÁRIOS OFERECIDOS AOS PROFESSORES DE DIFERENTES MUNICÍPIOS E REDES DE ENSINO.

IDENTIFICAÇÃO

1. Idade:

A idade dos 16 professores que participam desta amostragem variou de 24 a 47 anos, apresentando uma média etária de 35 anos.

2. Sexo:

Todos os professores são do sexo feminino.

3. Formação acadêmica:

Das 16 professoras, 15 estão cursando Pedagogia, apenas uma possui graduação em outra área – Engenharia Civil – e não está cursando Pedagogia.

Das 15 citadas, 7 delas já possuem a escolaridade superior completa. Uma é licenciada em Letras e as demais, são graduadas em cursos que não fazem parte da formação acadêmica convencional de professores, como Direito, Tecnologia da Construção Civil, Turismo e Administração de Empresas.

4. Tempo de exercício no magistério:

A média do tempo de exercício no magistério é de 15 anos.

5. Tipo de instituição em que atua:

Das 16 professoras que responderam os questionários, 13 trabalham em escolas públicas, sendo 9 destas municipais e 4 estaduais. Três trabalham em escolas privadas.

6. Acumula cargo em outra instituição:

Os dados obtidos mostram que 12 professoras não possuem acúmulo de cargo, enquanto 4 acumulam cargo. Destas, 2 em escolas municipais, 1 em estadual e uma em instituição privada.

7. Nível em que atua:

Das 16 professoras, 13 trabalham com o Ensino Fundamental, 4 com Educação Infantil e 1 com E.J.A. (Ensino de Jovens e Adultos).

Obs. O número obtido excede 16 devido ao acúmulo de cargo em diferentes níveis de atuação.

8. Idade das crianças com as quais trabalha:

A faixa etária das crianças com as quais trabalham varia de 4 a 15 anos, permanecendo a média etária de 9 anos.

USO PESSOAL DA TELEVISÃO

1. Número de aparelhos televisivos em sua residência:

A média de aparelhos de TV é de dois por casa.

2. Assiste TV diariamente:

Cinco professoras responderam sim e 11 responderam não.

3. Assiste programas televisivos com maior frequência no horário:

Onze professoras optaram pelo período noturno, 4 pelo vespertino e 1 pelo período da manhã como sendo o horário mais comum para a realização dessa atividade.

4. Tempo médio diário destinado à esta atividade:

O tempo médio diário destinado por estas professoras para assistir TV é de 1 hora.

5. Possui assinatura de TV paga:

Das dezesseis professoras, cinco possuem assinatura de TV paga.

6. Canais preferidos:

- 1) Globo com 9 indicações em primeiro lugar e 1 segundo lugar em preferência, totalizando 10 indicações;
- 2) Canais da TV paga com 5 indicações em primeiro lugar e 5 em segundo em preferência, somando 10 indicações;
- 3) Cultura com 1 indicações em primeiro lugar e 2 em segundo em preferência, somando 3 indicações;

- 4) Bandeirantes com 1 indicação cada para o primeiro lugar em preferência.
- 5) SBT (Sistema Brasileiro de Televisão) com 5 indicações em segundo lugar em preferência;
- 6) Record com 2 indicações em segundo lugar em preferência;
- 7) Rede TV com 1 indicação de segundo lugar em preferência.

7. Produções televisivas mais assistidas:

Os dados obtidos através desta questão foram classificados em estilos, sendo os programas indicados encaixados num dos segmentos abaixo:

- 1) Noticiários com 13 indicações;
- 2) Novelas com 7 indicações;
- 3) Filmes com 5 indicações;
- 4) Documentários com 3 indicações;
- 5) Seriados com 2 indicações;
- 6) Desenhos, Musicais, Programas Humorísticos e esportes com 1 indicação cada.

8. Costuma destinar tempo para comentar/conversar com seus familiares a respeito dessas produções:

Das 16 professoras, 5 responderam afirmativamente esta questão, 10 responderam às vezes destinar tempo para isto e uma optou pela alternativa "não".

USO PROFISSIONAL DA TELEVISÃO

1. A escola em que você trabalha possui aparelho de televisão?

Todas responderam que sim.

2. Qual é a frequência de uso deste aparelho por sua sala?

A frequência de uso da TV foi descrita como semanal por 4 das professoras, quinzenal por 6, mensal por 4 e 2 optaram por "outros".

3. Qual o período de tempo aproximado destinado a esta atividade?

Seis das professoras assinalaram de 40 a 50 minutos, 5 marcaram de 60 a 90 minutos, 4 responderam de 30 a 40 minutos e uma assinalou que o tempo aproximado para esta atividade é de 20 a 30 minutos.

4. Existe um cronograma preestabelecido?

Onze professoras responderam afirmativamente, enquanto 5 assinalaram a alternativa "não".

5. O que você costuma apresentar na televisão para as crianças?

As 16 disseram utilizar a TV para a reprodução de vídeos, sendo que 2 também apresentam programas da TV aberta e outras 2, programas da TV paga. Duas professoras marcaram a alternativa "outros", porém sem explicar como utilizam a TV ou o que apresentam.

Obs. O resultado obtido somando todas as respostas excede as 16 professoras às quais foram direcionados os questionários porque algumas delas assinalaram duas alternativas.

6. Como são escolhidos os temas a serem apresentados?

A escolha depende do planejamento segundo 13 professoras. Nove delas ainda abordaram a necessidade de se observar o interesse das crianças.

Obs. O resultado obtido somando todas as respostas excede as 16 professoras às quais foram direcionados os questionários porque algumas delas assinalaram duas alternativas.

7. Já produziu algum material televisivo junto às crianças?

Das 16 professoras, apenas 1 já produziu materiais com as crianças: filmagens.

8. Quais as finalidades do uso da TV na escola em que trabalha?

Das 16, 13 professoras utilizam a TV com finalidades didáticas, sendo que 13 delas também assinalaram que utilizam-se deste recurso como forma de gerar entretenimento e lazer para seus alunos. Duas professoras assinalaram "outros" especificando o uso da TV como aparato técnico de apoio para a apresentação de slides, fotos e data show.

Obs. Novamente o resultado obtido somando todas as respostas excede as 16 professoras às quais foram direcionados os questionários porque algumas delas assinalaram duas alternativas.

9. Que atividades são propostas após o contato com o programa/vídeo assistido?

Entre as atividades propostas, a conversa foi assinalada por 12 professoras, empatando com o número obtido através das indicações de opção por registros, enquanto que as discussões e debates tiveram 11 indicações. Duas professoras assinalaram "outros", porém suas justificativas levam a considerar que as atividades descritas encaixam-se nos registros, visto tratarem-se de produção de textos e cartazes.

10. Você considera que o uso da televisão tem um papel importante na escola?

Das 16 professoras, 14 consideram importante o uso da TV na escola, justificando suas respostas afirmando ser um importante recurso para se introduzir ou evidenciar algum assunto referente aos conteúdos abordados em sala de aula, 6 delas ressaltam também a importância da análise e estudo deste meio no ambiente escolar e 2 não consideram seu uso importante na escola, justificando suas respostas pelo fato da existência de uma série de obstáculos colocados em relação ao seu uso, neles se incluem desde as condições precárias e estado de deterioração em que se encontram esses materiais na escola, como também a burocracia para a utilização dos mesmos.

